

# FRANÇA E BRASIL cruzando olhares no século XX

*Zília Mara Scarpari*

“*Eu é um outro*”, já dizia Rimbaud, desestabilizando a certeza cartesiana. No século XX, três grandes autores franceses buscaram no Brasil o seu outro, ou simplesmente aqui encontraram a si mesmos. Blaise Cendrars, poeta futurista e irrequieto viajante, ligou-se a Oswald de Andrade, fez-se romancista antropófago e descobriu na Amazônia a “saudade utópica do desconhecido”, que talvez fosse a saudade inconsciente de si mesmo. O escritor católico Georges Bernanos, por sua vez, aqui se exilou durante a segunda grande guerra, e foi entrincheirado nos confins do sertão, de onde enviava à Europa as mensagens de resistente, que se deparou com sua verdadeira pátria. Enfim, quase nos anos cinquenta, em visita oficial à América do Sul, Albert Camus projeta a sua identidade ambígua no duplo olhar com que observa o Brasil: o olhar europeu que critica e isola o outro em seus limites, e o olhar mestiço que se reconhece no subdesenvolvimento.

## I

<sup>1</sup> *Folha de São Paulo*, 10 de maio de 2000.

Raoni ao lado de Jacques Chirac na primeira página de um dos principais jornais do país<sup>1</sup>, e o convite daquele Presidente para que o cacique participe em Versalhes de uma reunião das principais lideranças indígenas mundiais, configuram-se, fato e foto, no mínimo familiares para nós, brasileiros. Decorridos quinhentos anos e naturalmente guardadas as diferenças de visada, a França é o mesmo palco glamouroso acolhendo o diferente. Ainda o olhar europeu seduzido pelo exótico? Ou talvez, agora, uma velada forma de expiação de um sentimento de culpa acumulado através dos séculos?

De qualquer maneira, a referência é um convite à reflexão sobre nossa identidade – que se instaura a partir da descoberta que fazemos dos outros e na medida que tomamos consciência do olhar dos outros sobre nós.

Uma trajetória retrospectiva até nossas origens nos mostra primeiramente como objetos de cobiça das grandes potências do Velho Mundo, dentre as quais a França. Com efeito, a pirataria parece ter sido o móvel primeiro das conquistas na América. Mas, no caso francês, particularmente, a rapinagem eufemiza-se pelo espírito de aventura, enquanto a curiosidade intelectual virá abrandar a prepotência. É a essa conclusão a que chegamos ao relembrar o fim do sonho de colonização alimentado por Jacques Cartier: após o prazer do descobrimento e da conquista do Canadá, os invasores se retiram “à la française”, sem grande alarde, deixando órfãos os seus descendentes nos redutos do Quebec e o campo livre aos ingleses, para a posse das terras recém-exploradas. Da mesma forma, curta foi a história da França Antártica e Equinocial e frouxa a sua resistência ao domínio português. Tal postura pode estar de acordo com a tradicional definição do espírito gaulês como o de um indivíduo “nombrilista”, ou seja, aquele que só enxerga o próprio umbigo.<sup>2</sup> Entretanto, não será exatamente a exaustão deste olhar sobre si mesmo que explica a atração pelo outro, demonstrada desde os escritos de Montaigne, passando pelos relatos de aventureiros e religiosos do século XVI e XVII, pelos registros de viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX, até os diários de viagens e obras de grandes escritores ou os trechos líricos de antropólogos e sociólogos do século XX?

Por certo, a miopia cultural não é traço da mentalidade francesa. Ao contrário, não se pode negar o interesse intelectual como a qualidade maior do país que, desde Luís XIV, constitui ainda – apesar de crises ideológicas, políticas, econômicas, culturais – o centro das grandes idéias humanísticas. Foi essa a característica que veio a calhar quando, ansiosos por romper em todos os sentidos com nossa condição de colônia, desviamos de Portugal o olhar agora deslumbrado pela França, para, à sua

<sup>2</sup> Em francês, *nombriliste*, do substantivo *nombril*, que significa “umbigo.”

imagem e semelhança, recriarmos aqui uma *Belle Époque* tropical, prolongada até os dourados anos cinquenta.

Abortadas as experiências de expansão colonial no Brasil, a França desenvolverá assim outra forma de domínio, pelas idéias. Em troca, forneceremos a ela o imaginário da fauna e da flora de uma terra paradisíaca, que se oferece desde as tapeçarias dos Gobelins ao seu olhar seduzido, até as tramas de muitos de seus textos literários. No século XX, porém, os contextos estarão mudados e diferentes serão os pontos-de-vista.

## II

Projetando de modo verossímil a história e, ao mesmo tempo, o imaginário dos povos, graças ao seu tecido simbólico, a literatura vem oferecer-se como campo fértil à análise da constituição da identidade brasileira. Nessa perspectiva, é inegável o esforço empreendido pelo Romantismo (que coincidiu com nossa independência política), ainda que tenha produzido um índio caricatural – nosso bom selvagem Peri<sup>3</sup>, nobre e valoroso como um cavaleiro da Idade Média – ou Iracema, a nossa virgem dos lábios de mel saída das páginas de Chateaubriand.<sup>4</sup> E mesmo às vésperas da explosão modernista – que escarafunchou a cultura nacional e em cujo solo fincou, definitivamente, a nova estética –, a vanguarda tinha seus olhos fixados em Paris. Recalcados pelo complexo de povo latino e mestiço, marcado por culturas primitivas herdadas do índio e do negro, elegemos a cidade-luz como matriz.

O curioso, porém, é que indo ao encontro das novidades européias, os brasileiros depararam-se com uma paisagem familiar: as culturas primitivas, que estavam na mira dos franceses, importadas por Lévi-Bruhl. Antonio Cândido observa muito acertadamente:

*As ousadias de um Picasso, um Brancusi, um Max Jacob, um Tristan Tzara, eram, no fundo, mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles. O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica, nos predispunha a aceitar e assimilar processos artísticos que na Europa representavam ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais.*<sup>5</sup>

Oswald de Andrade simplifica: “O primitivismo que na França aparecia como exotismo, era para nós, no Brasil, primitivismo mesmo.”<sup>6</sup> Reconhece pois, no seu *Manifesto Antropófago* de 1928, que “já tínhamos o comunismo” (muito antes da revolução bolchevista de 1917) e a “língua surrealista”, lembrando a organização social das comunidades primitivas e a lógica sintética e concretista dos idiomas indígenas. O que o fez concluir que “sem nós a Europa não teria sequer a sua declaração dos direitos do homem,” referindo-se à independência dos Estados Unidos,

<sup>3</sup> *O Guarani*, de José de Alencar.

<sup>4</sup> O romance indianista alencariano deve muito ao René de Chateaubriand de *Les Natchez*, *Atala*, *Voyage en Amérique*.

<sup>5</sup> CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. p.121.

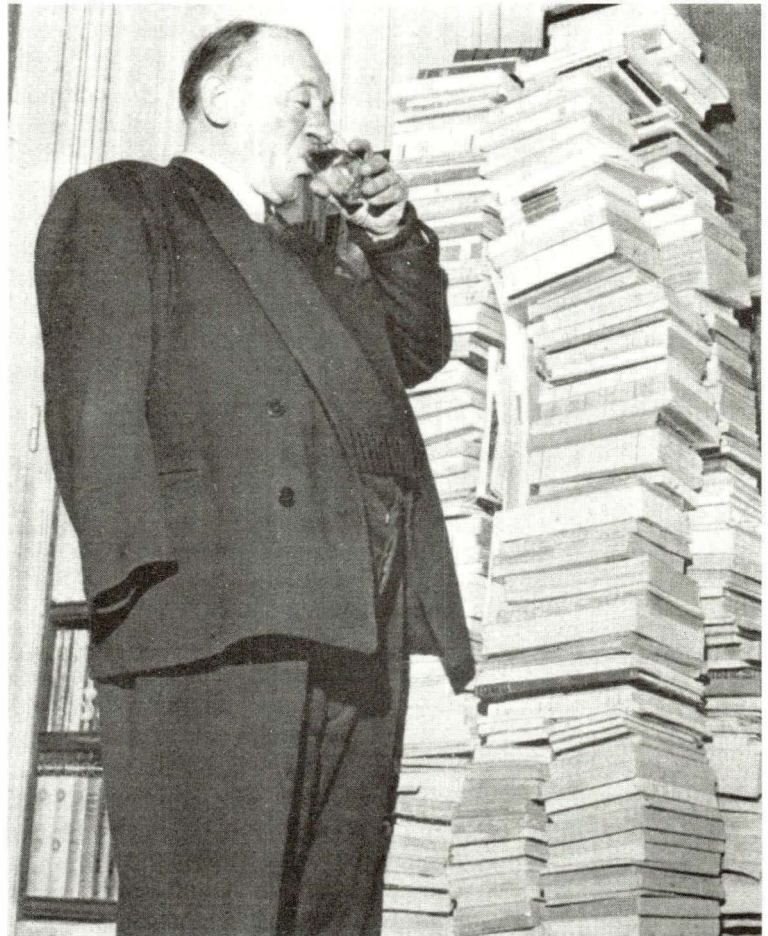
<sup>6</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 de junho de 1949.



inspiradora da Revolução Francesa, enfatizando portanto a superioridade do Novo Mundo. Já tínhamos uma cultura de exportação. Restava-nos deglutir o melhor da cultura alienígena, conforme o ritual canibalesco, apropriando-nos do signo cultural alheio para inverte-lhe o significado. Daí a síntese filosófica da antropofagia oswaldiana: “Tupy or not tupy, that is the question.”<sup>7</sup>

E foi assim que os olhares se cruzaram. Em 1912, Oswald traz de Paris o futurismo na bagagem. E em fevereiro de 1924, Blaise Cendrars (1887-1961) desembarca no Brasil para uma visita de oito meses, patrocinada por Paulo Prado, viagem iniciática que o transformará em romancista e escritor antropófago. Da mesma forma que, de volta dos Estados Unidos em 1912, aportara na França como poeta e com a nova identidade: já não era o cidadão suíço Georges Frédéric Sauser; tornara-se Blaise Cendrars, autor dos versos de *Les Pâques*, depois o futurista de *La Prose du Transsibérien* (1913) e enfim poeta cidadão do mundo (*Du monde entier*, 1919).

<sup>7</sup> ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: *Obras Completas. A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990. p. 47-52.



Blaise Cendrars.

O anfitrião paulista lhe descortina São Paulo, Minas, Bahia. No Rio de Janeiro, Manuel Bandeira testemunha a sua primeira impressão de surpresa e reserva diante daquele escritor encontrado casualmente numa livraria, sem braço (perdido na guerra de 1914), a manga direita do paletó vazia, a dentadura enegrecida pelo excesso de fumo; “parecia tudo, menos um poeta.”<sup>8</sup> Em contrapartida o entusiasmo do grupo paulista é esfuziante.

<sup>8</sup> BANDEIRA Manuel. La poésie de Blaise Cendrars et les poètes brésiliens. *Journal Français du Brésil*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1957, s.p.

<sup>9</sup> CENDRARS, Blaise. Feuilles de Route. In: *Le Panama ou les aventures de mes sept oncles et autres poèmes*. Traduits et illustrés par John dos Passos. Edição bilingüe (francês/inglês). Paris: La Quinzaine Littéraire, 1994, p. 170-253.

Blaise Cendrars estabeleceu com o Brasil uma forte e estreita relação afetiva e estética. Ao partir, deixa como legado aos brasileiros suas impressões de viagem em forma de breves poemas, suas *Feuilles de Route*<sup>9</sup>, dedicadas a seus “bons amigos de São Paulo”: “Paulo Prado, Mario Andrade, Serge Millet, Jasto de Almeida, Conto de Barros, Rubens de Moraes, Luis Aranhas, Oswald de Andrade, Yan; et aux Amis de Rio de Janeiro, Graza Aranha, Sergia Buargne de Hollanda, Prudente de Moraes, Guillermo de Almeida, Ronald de Carvalho, Americo Facó, sans oublier l’inimitable et cher Léopold de Freitas au Rio Grande do Sul” (sic).

Em contraponto, Oswald de Andrade lhe dedica os poemas de *Pau-Brasil*, publicados em Paris pela editora que Cendrars dirigia então (Au Sans Pareil, 1925): “A Blaise Cendrars, à l’occasion de la découverte du Brésil.”

<sup>10</sup> Feuilles de Routes, p. 223.

<sup>11</sup> Idem, p. 225.

<sup>12</sup> Idem p. 235.

<sup>13</sup> Idem p. 249.

<sup>14</sup> Idem p. 249.

<sup>15</sup> Idem p. 245.

<sup>16</sup> Os outros são: *L’homme foudroyé* (1945), *La main coupée* (1946) e *Bourlinguer* (1948). *Le lotissement du ciel* data de 1949. CENDRARS, Blaise. *Le lotissement du ciel*. Paris: Denoël, 1996 (Folio, 2795). Outras obras de sua autoria que versam sobre o Brasil: *Une nuit dans la forêt* (1929), *Histoires vraies* (1937), *La vie dangereuse* (1938), *D’outremer à Indigo* (1940), *Trop, c’est trop* (1957). Traduziu *Floresta virgem*, de Ferreira de Castro, e prefaciou a tradução francesa de *Menino do Engenho*, de José Lins do Rego (*L’enfant de la plantation*, traduzido J. W. Reims, Editions Deux Rives).

Esse descobrimento do Brasil por Blaise Cendrars inicia-se também pelo registro histórico da aventura cabralina<sup>10</sup>. Do navio, a baía de Guanabara mostra-se como “uma terra arredondada envolta de vapores matizados” onde o Pão de Açúcar é “um cadáver estendido cuja silhueta se assemelha a Napoleão em seu leito de morte”.<sup>11</sup> O litoral paulista acolhe “o pequeno forte português risonho como uma capela de arrabalde romano cujos canhões são poltronas que convidam a sentar...”.<sup>12</sup> Mais ao sul, os galhos das gigantescas araucárias “se elevam à maneira de candélabros”.<sup>13</sup> Assim, o descobridor europeu do século XX coteja, como em 1500, as coisas “daqui” com as coisas “de lá”. O poeta extasia-se diante da natureza tropical e, aprendiz de botânico, sua maior felicidade é não poder nomear as plantas, todas tão belas, que ele vê pela primeira vez.<sup>14</sup> Nesse país afrodisíaco, ele registra as correspondências das mais inebriantes cores, formas, perfumes e sabores. Mas é a floresta que o intriga, penetrada pelo trem, de cujo interior ele a descobre fascinado: “a floresta que ali está e que me observa e me inquieta e me atrai / como a máscara de uma múmia.”<sup>15</sup>

Cendrars parte deixando aos brasileiros o seu último livro de poemas. Encerrava-se um ciclo para iniciar-se outro. Sob o signo mágico da floresta mascarada nascerá o romancista, que retornará para excursionar pela Amazônia. Ele voltaria em janeiro de 1926 e ainda em agosto de 1927, ficando aqui até fevereiro do ano seguinte. Dessa permanência resultará um livro de memórias, o último de uma tetralogia autobiográfica: *O loteamento do céu*.<sup>16</sup>

Ao abrir o livro deparamo-nos com o autor tentando embarcar um tamanduá bandeira “de mais de dois metros de altura”, comprado de um negro zarolho que o regateava por 300.000 réis. “Bicho tão bonito...”, mas “tão incômodo”, que o autor é obrigado a deixar em Pernambuco. Todavia não se trata do único animal a bordo. Já estavam instalados numa cabine de luxo, abrigados de correntes de ar e da nociva companhia de outros bichos, 67 micos-leões-dourados e 250 saís-de-sete-cores dos quais apenas um chegará vivo em Paris. Aliás, não era a primeira vez que o autor levava do Brasil uma bagagem desse gênero... Quanto ao último texto, “a Torre Eiffel sideral”, passa-se numa propriedade rural do Estado de São Paulo, em que o autor efetivamente esteve, a fazenda do Morro Azul, cujo dono, Oswaldo Padroso (sic), um estranho positivista francófilo que vive à margem do progresso, cultivava duas grandes paixões: o amor platônico por Sarah Bernhardt e a astronomia – acreditando ter descoberto uma nova constelação batizada de “Torre Eiffel”, que ele tenta desesperadamente registrar junto às autoridades científicas... E assim se diluem, da primeira à última página, as fronteiras entre a verdade e a ficção, entre o siso e o riso, em três relatos fragmentários, calcados na simplicidade do elemento popular e no insólito que povoava o cotidiano.

A relação entre Oswald de Andrade e Blaise Cendrars representa a feliz conjunção da vanguarda européia, cosmopolita e universal, e do modernismo brasileiro, primitivo e particular. Se da Europa o primeiro importa os motivos do progresso material e do mundo urbano, a poética do prosaico, o simultaneísmo e o verso livre, o segundo parece ter encontrado no Brasil o que durante muito tempo procurou em si próprio, em périplos infundáveis: “a saudade utópica pelo desconhecido”.<sup>17</sup>

### III

Fugindo à Segunda Guerra Mundial, Georges Bernanos (1888-1948), escritor de inspiração católica<sup>18</sup>, exila-se no Brasil por quase oito anos (1937-1945), de onde, novo Victor Hugo, produz febrilmente artigos polêmicos em defesa da França. Publicados aqui e clandestinamente na Europa, esses textos, reunidos sob os títulos *Enfants humiliés* (compostos de setembro a abril de 1940), *Lettre aux Anglais* (sete “cartas” datadas de dezembro de 1940 a novembro de 1941) e *Le Chemin de la Croix-des-Âmes* (1940-1945)<sup>19</sup>, comportam também o testemunho sincero e humilde de um homem que fez do Brasil a sua pátria de eleição.

Com mulher, seis filhos e poucos recursos, embrenha-se no interior de Minas Gerais (do Rio de Janeiro ruma para Vassouras, Itaipava, Juiz de Fora, Barbacena, Pirapora), para “digerir sua vergonha”<sup>20</sup> num sítio de nome premonitório e familiar a um

<sup>17</sup>A expressão é de Jorge SCHWARTZ. *Vanguarda e cosmopolitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1983. O autor refere-se aos escritores dos países periféricos, que se voltam para o eixo cultural que é Paris, “em relação ao qual o resto (“a intelectualidade”) chega ao centro, num gesto de saudade utópica pelo desconhecido.” (p. 14). Aqui, entretanto, a frase cabe à intelectualidade européia.

<sup>18</sup>Como romancista, escreveu: *Sous le soleil de Satan* (1926), *L'imposture* (1927), *La joie* (1929), *La grande peur des bien-pensants* (1931), *Journal d'un curé de campagne* (1936). Também é autor de uma peça teatral, *Le dialogue des carmélites* (1948).

<sup>19</sup>BERNANOS, Georges. *Enfants humiliés*. In: *Essais et écrits de combats*, v.1. Paris: Gallimard, 1971 (Bibliothèque de la Pléiade). *Essais et écrits de combats*, v.2. Paris: Gallimard, 1995 (Pléiade).

<sup>20</sup>“Deixei meu país porque não tendo nada a lhe oferecer então, nada quis receber dele (...) só desejava digerir minha vergonha em algum lugar perdido dessas terras sem limites...” *Lettre aux anglais*, p. 21-22.



cristão convicto e um escritor visionário: Cruz das Almas. Essa trajetória do litoral para o sertão assinala profunda mudança na perspectiva sobre o Brasil de quem “não veio nem como turista nem como homem de letras”.<sup>21</sup> É bem verdade que

<sup>21</sup> *Essais et écrits de combats*, v.2, p. 743.



Georges Bernanos.

chegando ao Rio de Janeiro Bernanos não resiste ao seu encantamento exótico. Mas, superando em curto prazo os mitos edênicos do imaginário francês – o mito solar do Rio e o mito noturno da poderosa floresta virgem da Amazônia – ele compreenderá<sup>22</sup>, ligado ao solo mineiro, a floresta antropomórfica do sertão, “floresta anã e disforme, torturada pela sede”<sup>23</sup>, floresta mártir,

<sup>22</sup> Para Bernanos, “compreender é amar”. *Essais et écrits de combats*, v.2, p. 767, 968.

<sup>23</sup> *Le Chemin de la Croix-des-Âmes*, p. 428.

*... cujo imenso rastejar cobre uma parte da terra, as árvores atarracadas, irresistíveis, com os membros retorcidos pela sede, agachadas sobre suas coxas tortas, agarradas com seus milhões de braços disformes aos cabos que quase nada mais têm de vegetal, os cipós gigantes, tão secos que soam como um tambor sob os dedos.*<sup>24</sup>

<sup>24</sup> *Enfants humiliés*.

O olhar europeu com que a princípio via e isolava os caboclos na sua diferença, autorizando Bernanos a designá-los de “pobres coitados”, “primitivos vaqueiros brasileiros” etc., sofrerá com o tempo um retorno a si próprio. O olhar assim transformado pelo contato com o outro fará com que o autor escreva mais tarde, a respeito do homem do sertão:

*Esta vitalidade de aleijado inspirava-me aversão até há poucos meses. Hoje tenho quase vergonha de escrever três páginas sobre o assunto; e minha própria literatura me repugna... Caneta na mão, tenho consciência de ter ultrapassado sua rude miséria, esforçando-me por descrevê-lo como qualquer desses vagabundos de letras que parasitam, por dinheiro, o doloroso mundo, realçando unicamente seus farrapos a fim de mostrá-lo completamente nu (...) Até me absteve por muito tempo de dizer uma palavra sequer sobre este*

*país, pois, recém-chegado, sentia-me livre em relação a ele, espectador benévolo, simples testemunha. Sinto-me no direito de falar agora porque meu destino se encontra humildemente ligado ao seu, meu esforço ao seu esforço, minha pobreza à sua pobreza. Não o observo mais de fora, estou dentro e, para resumir tudo, minha mulher e meus filhos comem de seu pão.*<sup>25</sup>

<sup>25</sup>Enfants humiliés.

Portanto, Bernanos será capaz de uma revisão crítica dos estereótipos através dos quais o Brasil é reconhecido no exterior:

*Os conferencistas da Europa deram ao clima do país uma reputação de doçura amolecedora que ele está muito longe de merecer (...). Ouvindo esses impostores, acreditaríamos que os camponeses brasileiros, de um carnaval a outro, passam o tempo a se esquentar ao sol assobiando trechos de samba.*<sup>26</sup>

<sup>26</sup>Le Chemin de la Croix-des-Âmes, p. 494.

Infelizmente ainda hoje o Brasil não se viu livre desta imagem que ele próprio ajudou a exportar e que poderia estar na origem da triste definição que De Gaulle teria formulado, de que “este não era um país sério.” Bernanos, ao contrário, cujas raízes camponesas o irmanam ao caboclo, reabilita o brasileiro do estigma da preguiça e da indolência de que Macunaíma é símbolo:

*Quando percorri pela primeira vez essas paisagens de colinas, do Rio à capital verdejante de Minas – e bem mais além ainda, até os confins do sertão, até a floresta anã, infinita – (...) procurava encontrar algo que se parecesse com as aldeias de meu país; e só encontrava, na maioria das vezes, casas solitárias, com os campos de milho desiguais invadidos pelo mato, suas bananeiras despedaçadas pelo vento, e os tufos de bambus tão orgulhosos e quase tão vão quanto as grandes metáforas claudelianas. Então vinham-me aos lábios, infelizmente, os “Dever-se-ia”, “Seria preciso”, “Ter-se-ia podido” da ignorância pretensiosa. Mas acabei por compreendê-los, ó camponeses tão diferentes dos nossos e todavia tão semelhantes (...). A terra de meu país é uma terra amiga do homem. A sua não é inimiga, mas os ignoram; vocês estão sós diante dela, sem aldeias, sem vizinhos, com suas pobres famílias. Primeiro é preciso domá-la, torná-la familiar (...). O estrangeiro compara-os aos seus irmãos da Europa, acena que vocês não a trabalham. Talvez vocês não a trabalhem tanto quanto eles, mas vocês morrem muito mais. Nossos camponeses oferecem seu suor, e vocês oferecem suas vidas (...). Assim, o ritmo de seu esforço não é o mesmo que o nosso, ou melhor, seu esforço guardou um*



*ritmo que o nosso perdeu. Vocês podem sofrer e durar onde qualquer outro esgotaria em pouco tempo sua coragem.*<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Prefácio a *Lettre aux Anglais*, p. 10-11.

Apesar do amor à França e da angústia de vê-la abatida pelo inimigo, Bernanos confessa para o mundo que o Brasil nunca seria para ele um país de exílio, mas seu lar, sua casa... “Após Munique, escrevi que tinha vindo ao Brasil ‘digerir minha vergonha.’ Nele não digeri minha vergonha, nele reencontrei meu orgulho, e foi este povo que mo devolveu”.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> *Idem*, p. 3.

Bernanos foi assim um dos raros europeus a comungar realmente com a alteridade brasileira. Observador imparcial, analisou nossos movimentos de opinião pública e os achou bem superiores aos norte-americanos, que evoluíram do isolacionismo ao intervencionismo à medida que tomavam consciência da necessidade de escolher entre o risco de uma guerra e a certeza absoluta da maior derrocada econômica de todos os tempos. O Brasil, entretanto, “entrou na guerra com as mãos limpas e o coração puro”.<sup>29</sup> Visionário, profetizou para o país uma cristandade comprometida com a liberdade<sup>30</sup> e projetou nele a terra da esperança transfigurada pela fé católica.<sup>31</sup> Nessa profecia, nossa experiência racial única seria a garantia de nosso futuro.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> *Idem*, p. 430.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 429-430.

<sup>31</sup> Prefácio a *Lettre aux Anglais e Brésil, terre de l'espérance*, em *Essais et écrits de combats*, v.2, p. 743.

<sup>32</sup> *Le Chemin de la Croix-des-Âmes*, p. 690-691.

No entanto, longe das capitais e apesar da receptividade de seus artigos de combate pelos grandes jornais brasileiros, os escritos de Bernanos sobre nós mesmos não mereceram na época a devida atenção de intelectuais: todos os olhares preferiam voltar-se para a França e desviar-se dos confins do país. Assim, é a própria obra de Bernanos que nos informa sobre sua relação com a nossa intelectualidade. O grande amigo foi Virgílio de Mello Franco. Simpatizantes foram os poetas cristãos Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, o crítico Tristão de Ataíde... E houve os que investiram contra suas posições, como Otto Maria Carpeaux.<sup>33</sup>

<sup>33</sup> *Idem*, p. 608-613.

O caminho de Cruz das Almas, *via crucis* trilhada bravamente por Georges Bernanos em sua luta pela liberdade, o conduziu finalmente à agonia: finda a guerra, voltou para a França, onde não reencontrou sua pátria, que havia deixado na América. Foi então viver em Túnis. Três anos antes de sua morte tinha confidenciado a respeito do Brasil: “Estou ligado a esta terra para sempre, como um morto àquela que o recobre, e como morto aí espero a ressurreição”.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> *Idem*, p. 427.

#### IV

Filho de agricultor francês e de mãe espanhola instalados na Argélia – última colônia francesa do Maghreb a obter a independência –, Albert Camus (1913-1960) empreende em 1949 sua primeira visita oficial a um país estrangeiro, como escritor reco-

<sup>35</sup>CAMUS, Albert. *Journaux de voyage*. Paris: Gallimard, 1978. p. 55-144. O diário relativo à viagem à América do Sul é precedido das anotações da viagem aos Estados Unidos, realizada por Camus em 1946, como jornalista consagrado mas ainda desconhecido como romancista, dramaturgo e filósofo.

<sup>36</sup>Por ocasião de uma visita a um sanatório no Rio de Janeiro, Camus foi apresentado ao jovem médico psiquiatra que ali trabalhava e que lhe fez “a pergunta mais idiota de todas as que lhe haviam feito na América do Sul” (p. 142). É esse personagem que viajará casualmente com ele.

<sup>37</sup>*Journaux de voyage*, p. 72.

<sup>38</sup>Idem, p. 111.

<sup>39</sup>Idem, p. 73.

<sup>40</sup>Idem, p. 94 e 112.

Ilustração  
Albert Camus.

nhecido. Um diário de viagem<sup>35</sup> minuciosamente anotado desde o dia 30 de junho, quando deixa a França a bordo de um navio (“Dia estafante... Em Marselha, calor tórrido e ao mesmo tempo um vento de cortar. Até a natureza é inimiga.”), e concluído em 31 de agosto, num avião que decola do Rio de Janeiro (“A viagem termina num esquife metálico entre um médico louco<sup>36</sup> e um diplomata, em direção a Paris”), revela nas entrelinhas a suspeita da reincidência da tuberculose que persegue e acabrunha tanto o jornalista progressista e solidário, quanto o indivíduo solitário e niilista, cujo livro de cabeceira do momento é sintomaticamente o *Diário de um poeta*, de Alfred de Vigny. Durante a viagem chega mesmo a pensar em suicídio, naturalmente refutado pelo “homem absurdo”. Portanto, paralelamente ao itinerário percorrido, apresenta-se o da redescoberta da doença, que se transformará mais tarde na novela *La mer au plus près*. À parte essas circunstâncias pessoais, e mesmo ciente do que o esperava no exterior – formalidades, agenda intensa, múltiplas conferências no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Olinda, Bahia e Porto Alegre, o trajeto estendido até Montevidéu e Buenos Aires –, o fato é que o público heterogêneo, a qualidade desigual dos anfitriões, a decepção de certos encontros que se desviavam de seus propósitos, acabam por exasperar e abater o homem avesso a multidões e a protocolos sociais que era Albert Camus.

Como todo estrangeiro que desembarca no Rio de Janeiro, seus olhos são imediatamente sensíveis às belezas naturais da terra.<sup>37</sup> Mas o olhar europeu é particularmente suscetível aos contrastes violentos, por vezes grotescos, nesse país desajeitado e sem disciplina, porque jovem, enorme e plural. As imensas florestas virgens e solitárias próximas das cidades litorâneas impressionam o visitante.<sup>38</sup> O contraste mais chocante é, porém, o alinhamento dos palácios e dos edifícios modernos com as favelas, por vezes a cem metros do luxo, “espécie de cortiços agarados ao flanco das colinas, sem água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca. As mulheres vão buscar água ao pé do morro, onde fazem fila”. Enquanto esperam, continua o observador, “passam diante delas, em fila interminável, as feras niqueladas e silenciosas da indústria automobilística americana”. E conclui: “nunca luxo e miséria me pareceram misturados com tanta insolência”.<sup>39</sup>

A confusão e a anarquia do trânsito, “não compensadas por nenhuma lei”, desafiam a sua compreensão: os motoristas brasileiros parecem-lhe loucos muito alegres, ou sádicos extremamente frios, acotovelando-se para ver quem chega primeiro, custe o que custar, nem que seja a vida dos transeuntes, em acidentes que presenciou e descreveu mais de uma vez.<sup>40</sup> Se lhe desagradava a superpopulação das metrópoles em seu crescimento desordenado, também não se contenta “nesta terra desmesurada que tem a







<sup>41</sup> *Journaux de voyage*, p. 103.

<sup>42</sup> *Idem*, p. 82.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 123.

<sup>44</sup> *Idem*, p. 75-80.

tristeza dos grandes espaços” onde “a vida é muito rente ao chão e seria preciso anos para integrar-se neles”.<sup>41</sup> E é com satisfação que reencontra a paisagem parisiense nas ruelas coloridas que se escondem das artérias movimentadas: “como se entre a praça da Concórdia, a Madeleine e a avenida da Ópera, a rua Saint-Honoré fosse proibida para automóveis. O mercado das Flores. Pequenos bares onde se toma cafezinho sentado em cadeiras minúsculas.”<sup>42</sup>

A atenção dos que o recebem o sensibiliza: “Observo uma vez mais a impecável gentileza brasileira, um pouco cerimoniosa, talvez, mas que ainda assim é preferível ao desdém europeu”.<sup>43</sup> O refinamento e a barbárie, porém, são capazes de coabitar num mesmo indivíduo. As páginas consagradas ao retrato cruel de Augusto Frederico Schmidt (incógnito)<sup>44</sup> oferecem uma visão a um só tempo grotesca e sublime, que não espanta no contexto da realidade carnalizada do Brasil:

*O poeta chega, enorme, indolente, os olhos pregados, a boca pendente. De tempos em tempos, inquietações, uma brusca agitação, depois revira-se na poltrona e arfa um pouco. Levanta-se, rodopia, retorna ainda à poltrona. Fala de Bernanos, Mauriac, Brisson, Halévy. Conhece todo mundo, aparentemente. (...) No automóvel, peço para não irmos a um restaurante de luxo. E o poeta emerge de seus 150 kilos e me diz, o dedo em riste: “Não há luxo no Brasil. Somos pobres, miseráveis”, dando em seguida tapinhas afetuosos no ombro do motorista uniformizado que conduz seu enorme Chrysler. Dito isso, o poeta suspira dolorosamente e volta ao seu nicho de carne, onde se põe a roer distraidamente um de seus complexos.*

Depois de mandar parar o carro diante de uma farmácia – o poeta sofre de diabetes – “retorna, gemendo, e desaba na pobre almofada dentro de seu miserável automóvel”. À mesa, é o primeiro a ser servido e não espera os outros para começar a comer. “Fala de Michaux, Supervielle, Béguin, etc... e se interrompe para cuspir do alto, para dentro do prato, os espinhos e os restos de seu peixe.” Camus surpreende-se: “É a primeira vez que vejo fazer esta operação sem que o corpo se curve.” Enfim, depois de escutar pacientemente falsas explicações sobre as dificuldades administrativas do jornal *Le Figaro*, conclui: “Chamfort tem razão: quando se quer agradar aos outros, é preciso resignar-se a aprender muitas coisas que se sabe com gente que as ignora.”<sup>45</sup>

<sup>45</sup> *Idem*, p. 79.

Paradoxalmente, irrita-se com a francofilia que percebe no Brasil e ridiculariza o Cristo abençoando a cidade, “um imenso e deplorável Cristo luminoso” (p. 72). Entretanto, não poderia estar movendo a ironia um solidário coração argelino?



Dois presentes emblemáticos vieram da França para a América: a estátua da Liberdade aos Estados Unidos e o Cristo Redentor ao Brasil, alegorias que acabam por sugerir um fosso imenso entre o Norte e o Sul. A primeira, iluminando o mundo, encarna um dos mitos fundadores da América anglo-saxônica, produto da cultura e do século das luzes. Na falta de uma alegoria equivalente para o sul, uma América selvagem e canibal, depois rica e vassala no século XVII, exótica e cristã no século XVIII, e em pleno século XIX, sem acesso à Revolução para garantir-lhe a liberdade (o povo apenas assistiu com perplexidade aos acontecimentos da República, levada a efeito por militares positivistas), a alternativa foi uma figura mística contemplando a mãe-natureza, símbolo de nossa permanência no estado natural, primitivo, aquém da cultura, reforçando portanto nossa qualidade de nação periférica.

É com pesar e simpatia que agora o olhar mestiço de Camus reconhece nas favelas do Rio a população da Argélia: mulheres que levam água em latas de zinco equilibradas na cabeça são “como as mulheres cabilas.”<sup>46</sup>; passa então a enxergar “o lado árabe” da periferia proletária do Rio, identificada ao bairro argelino de Belcourt<sup>47</sup>; vê na Bahia “uma imensa *casbah* fervilhante, miserável, suja e bela<sup>48</sup> e em São Paulo uma “Oran desmedida.”<sup>49</sup> Talvez por identificar também a natureza comum da alma oriental e da alma brasileira, o autor integrará mais tarde, no volume *L'exil et le royaume* a novela intitulada “La pierre qui pousse”, aclimatada num vilarejo que mistura as lembranças de Registro (São Paulo)<sup>50</sup>, onde transforma a lenda recolhida por ocasião de festejos religiosos na cidade litorânea de Iguape, a respeito da rocha que tanto mais cresce quanto mais é lascada e cujas lascas operam milagres.<sup>51</sup> O episódio real do pagador de promessas carregando imensa pedra na cabeça terá nova versão simbólica. Completando o ambiente místico, uma sessão de macumba presenciada no Rio<sup>52</sup> funde-se com um candomblé baiano.<sup>53</sup> Nesse contexto híbrido, o narrador protagonista é um engenheiro francês que tem a voz e o interior de Camus, enquanto a caracterização física é emprestada de Oswald de Andrade, que realmente conduziu o visitante pelas estradas de São Paulo. O diário de Camus deixa assim à mostra como passava da notação de um fato bruto para a ficção elaborada. As metáforas e imagens preciosas eram guardadas como embriões em frases telegráficas para figurarem depois num discurso breve e lapidar.

Em suma, o que se desvela no diário camusiano é o olhar ambíguo de um *piéd noir*<sup>54</sup>, nascido numa terra em que não se sente nem francês, nem tampouco árabe, mas que ele ama porque é efetivamente a sua. É o que fica evidente num raro momento de conforto, quando seu navio faz escala em Dakar: “Algumas horas somente, mas reencontro o odor da minha África, odor de

<sup>46</sup> *Journaux de voyage*, p. 73.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 93-94.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 102.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 115.

<sup>50</sup> *Idem*, p. 121-127.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 125.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 83-90.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 105-106.

<sup>54</sup> Nome que a França continental dava aos franceses nascidos nas colônias do norte da África (Marrocos, Argélia e Tunísia).

<sup>55</sup> *Journaux de voyage*, p. 63.

miséria e de abandono, odor virgem e também forte, cuja sedução conheço bem.”<sup>55</sup>

Embora desconhecendo o Brasil, seu coração mestiço também acaba seduzido no trajeto Iguape-São Paulo:

*E eu observo uma vez mais, durante horas, esta natureza monótona e esses espaços imensos dos quais não podemos dizer que são belos, mas que aderem à alma de modo insistente. País onde as estações se confundem umas com as outras, onde a vegetação inextricável torna-se disforme, onde as raças também estão a tal ponto amalgamadas que a alma perdeu seus limites. Um marulho pesado, a luz esverdeada das florestas, o verniz da poeira vermelha que recobre todas as coisas, o tempo a derreter-se, a lentidão da vida rural, a excitação breve e insensata das grandes cidades – é o país da indiferença e das transformações abruptas do sangue. Por mais que tenha realizado o arranha-céu, ele ainda não conseguiu vencer o espírito da floresta, aimensidão, a melancolia.*<sup>56</sup>

<sup>56</sup> *Idem*, p. 128.

Camus afasta-se portanto da tradição francesa que consiste em admirar a cultura brasileira em razão de seu primitivismo.<sup>5</sup> Tradição na qual se insere, aliás, Blaise Cendrars. Essa postura, que opõe a universalidade do pensamento europeu ao localismo de tradição popular, “diz respeito, mesmo inconscientemente, ao etnocentrismo que nega a xenofobia explícita, o que explica o encantamento francês pelo Nordeste ou pela Amazônia.”<sup>57</sup> Nesse momento, o olhar de Camus não é mais o olhar europeu, cola-se ao nosso, adivinhando na realidade a melancolia que nós conhecemos muito bem. Por outro lado, a tradição européia mais recente vê o Brasil de forma pitoresca, como um jovem país exótico em vias de modernização.<sup>58</sup> Combinando desta feita a melancolia própria das mestiçagens à visão extremamente lúcida do filósofo – traço do racionalismo europeu –, o autor nos apresenta uma alegoria que nada tem de pitoresco:

*O Brasil, com sua frágil armadura moderna chapeada neste imenso continente fervilhante de forças naturais e primitivas, faz-me pensar num edifício corroído por invisíveis cupins. Um dia o edifício desabarará e um pequenino povo formigante, negro, vermelho e amarelo se espalhará sobre o continente, mascarado e munido de lanças para a dança da vitória.*<sup>59</sup>

<sup>59</sup> *Journaux de voyage*, p. 109.

Albert Camus vislumbrava, com a tristeza que também é nossa, aquilo que começava a se chamar Terceiro Mundo.

Durante o tempo em que esteve no país, somente “dois ou três” brasileiros o impressionaram: o poeta Murilo Mendes, seu

<sup>60</sup> *Idem*, p. 96 e 109.

<sup>61</sup> *Idem*, p. 95.

<sup>62</sup> BANDEIRA, Manuel. Andorinha andorinha. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. p. 693-694.

melhor anfitrião<sup>60</sup>, e Manuel Bandeira. Foi este “homem frágil e extremamente fino”<sup>61</sup> que lhe prestou a discreta e sincera homenagem póstuma que transcrevemos na íntegra<sup>62</sup>, para mostrar quão próximos estiveram um do outro, Bandeira e Camus, apesar do brevíssimo encontro:

*De todos os grande escritores europeus que nos visitaram, e eu tive oportunidade de abordar, nenhum me impressionou tão agradavelmente como esse Albert Camus, que acaba de desaparecer num fortuito acidente de automóvel. Quando ele esteve aqui, ainda não era Prêmio Nobel, mas já havia escrito La Peste e o seu nome se tornara conhecido em todo o mundo. A maior láurea literária não podia aumentar-lhe a celebridade, que já era imensa: era dos tais que fazem mais honra ao prêmio do que o prêmio a eles.*

*Assim, ao se anunciar a sua conferência, a ser pronunciada no auditório do Ministério da Educação, a afluência do público foi enorme, e creio mesmo que só Anatole France despertou entre nós tamanha curiosidade. Até eu, que sou muito avesso a esses corretores, a esse espreitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, saí-me dos meus cuidados e fui até o Ministério. Mas, diante do aspecto da sala, absolutamente à cunha, com gente sentada até junto à mesa, bati em retirada. A conseqüência foi que nunca vi Camus falar em público.*

*Vi, porém, coisa melhor. Conversei com ele em tête-à-tête, e eis como tive essa fortuna, que devo a Maria da Saudade Cortesão. Alguns amigos brasileiros do grande escritor, uns vinte, entre os quais Murilo Mendes, tiveram a boa idéia de lhe oferecer um almoço de despedida num restaurante português da Rua do Ouvidor, perto do cais. Ao fim do almoço, eu, que apenas havia apertado a mão de Camus ao lhe ser apresentado, sentia-me bastante derreado pela peixada e pelo verde da casa: mal podia trocar palavra com os meus vizinhos de mesa. Foi quando Maria da Saudade, que ocupara o lugar à direita do escritor, levantou-se e veio buscar-me para me fazer sentar ao lado de Camus, a fim de que ele e eu conversássemos um pouco. Obedeci com certa relutância, pois não esperava grande coisa do contato (a minha experiência com Spender, Lehman e outros sublimes fora desanimadora). Que dizer de saída a Camus? Eu estava arrasado. Foi o que disse: “Esses almoços em restaurante me cansam muito.” A simpatia de Camus foi total. – “A mim tam-*

*bém”, respondeu. E eu prossegui: – “O senhor deve estar exausto de tanta conferência, tanta homenagem.” E ele: – “Estou doente. Eu resisti à guerra, resisti à Resistência, não resisti à América do Sul!” Por aí fomos num papo sem nenhuma formalidade, falamos de nossa doença (porque Camus também foi dos marcados pela tuberculose na mocidade), falamos de muitas outras coisas e ele acabou dando-me o seu telefone privado em Paris para que eu o procurasse quando fosse à França. Durante todo o tempo que o ouvi, senti-me à vontade e encantado. Surpreso. Não havia naquele homem vestígio dessa personagem odiosa que é a celebridade itinerante. Não parecia um homem de letras. Era um homem da rua, um simples homem, dando a outro homem um pouco da sua substância espiritual, simplesmente humana. Senti vontade de ser seu amigo. Quando, um ano depois, estive em Paris, quis procurá-lo. Ele estava ausente. Agora o desastre... Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, tão simples, tão simpático, tão despretenhoso na sua glória mundial.*

**Zília Mara Scarpari** é doutora em Literatura Francesa e professora do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

10.01.1960